

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Vitória Andrada Oliveira

Racionais MC's e o mito da Democracia Racial
Leituras sociais da periferia.

Uberlândia, 2022.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Vitória Andrada Oliveira

Racionais MC's e o mito da Democracia Racial

Leituras sociais da periferia.

Monografia apresentada ao Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência obrigatória para a conclusão do curso de bacharelado e licenciatura em História.

Orientador: Prof.º Dr.º Lainister de Oliveira Esteves

Uberlândia, 2022.

Vitória Andrada Oliveira

Banca Examinadora

Prof.º Dr.º Lainister de Oliveira Esteves
(Orientador)

Prof. Dr. Florisvaldo Paulo Ribeiro Júnior

Prof. Dr. Jean Luiz Neves Abreu

Uberlândia, 2022

AGRADECIMENTOS

Foram tantos anos tentando finalizar esse trabalho, houveram pessoas que entraram e saíram da minha vida, fica difícil colocar aqui todos que gostaria de agradecer por me fazer de alguma forma chegar nesse tão esperado momento.

Nesse caso gostaria de agradecer primeiramente a minha Mãe (Flavinha) que apesar de muitas vezes descrente nunca me deixou desistir dessa graduação, e sempre esteve me incentivando a finalizar ela, para ser alguém na vida (risos). Agradecer também a Cidoca Doida por tentar me ajudar da forma que conseguia.

Agradecer também aos meus amigos Gencarlos, Amanda, Renata, Ana, Gabriel e Rodrigo que apesar de não saberem como eu estava sofrendo em relação a esse trabalho me ajudaram a não perder totalmente minha sanidade mental, me jogando para cima quando eu precisei e me mantendo sã.

Aos meus irmãos Davi e Clara que sempre estão ao meu lado nem que seja para fazer uma gracinha e levantar meu astral quando estava com vontade de desistir.

Aos meus Amigos de graduação, Debs, Renatis e tantos outros que faziam minhas manhãs mais felizes nos tempos áureos que eu ia para a Universidade.

Ao meu amor Cassio, por me dar um motivo para finalmente finalizar esse trabalho, para me tornar uma pessoa cada vez melhor pelo nosso relacionamento.

E enfim a meu orientador, Lainister, que por muitas vezes mandei e-mails achando que não obteria resposta, por eu ser extremamente desorganizada com datas e por sumir por meses sem dar explicação. Muito obrigada por ainda estar aqui.

Amo todos vocês que estiveram comigo me ajudando a construir a pessoa que sou hoje e que chega a esse ponto de finalizar esse trabalho. Obrigada.

RESUMO

. O presente texto tem intenção de levantar algumas questões mesmo que de forma breve, de como as temáticas das composições do gênero musical rap se relacionam com a história dos jovens negros periféricos do Brasil e como as mesmas vão em direção contrária aquela ideia de nação miscigenada e não violenta que muitas vezes as músicas de origem negra tendem a mostrar. E como as letras de grupo Racionais MC's ganham espaço no imaginário social como aqueles que falam pela periferia, mas não apenas para a periferia.

Palavras-Chave: Rap, Racionais MC's, Democracia Racial.

SUMÁRIO:

INTRODUÇÃO	7
CAPÍTULO I – O Rap Nacional.....	12
CAPÍTULO II – Musica enredo e leitura social	27
2.1 Raio X do Brasil – 1993.....	28
2.1.1 Fim de semana no parque.....	29
2.2 Sobrevivendo no Inferno – 1997.....	31
2.2.1 Capitulo 4 versículo 3	32
2.3 Nada como um dia após o outro dia – 2002.....	34
2.3.1 Da ponte pra cá	35
2.3.2 Negro Drama.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura trabalhar como o Rap dos Racionais MC's vai contra ao mito da democracia racial, e como suas composições retratam a vida na periferia evidenciando as mazelas vividas por seus moradores e pelos jovens negros nos anos 1990 e início dos anos 2000.

Para isso faço uma apresentação dos anos iniciais do movimento hip hop nos Estados Unidos, mostrando os principais pilares do movimento e uma das principais musicas, *The Message*. Sigo trazendo o movimento para as terras brasileiras e como se deu o movimento por aqui, trazendo seu principal expoente, os Racionais MC's, do qual analiso quatro letras (Fim de semana no parque; Capítulo 4, Versículo 3; Negro Drama ; e Da ponte pra cá) para evidenciar como tais composições dão um panorama da vida dos jovens na periferia.

Para falarmos em Rap nacional precisamos voltar e entender o movimento *Hip Hop* que nasce nos anos iniciais da década de 80 como uma forma de expressão das comunidades negras de bairros pobres de Nova Iorque, dessa forma traz à tona o que esse grupo sofria em seu dia-a-dia, e a dualidade entre negros e brancos. Este movimento que estava em gênese não só se tratava de músicas, mas também em sua forma de se vestir e de se portar, por isso tratamos como um movimento complexo e não apenas um gênero musical

Trata-se de um movimento cultural dividido em quatro pilares: o Rap (*rhythm and poetry*) e o DJ (*Disc Jockey*) como expressões musicais, o Break como expressão de dança, e o Grafite como expressão nas artes visuais. Em sua gênese esse movimento teve três grandes expoentes, cada um deles trouxe sua contribuição para o movimento: Afrika Bambaataa, o primeiro a denominar os pilares do hip hop como conhecemos hoje, e a criar o grupo que uniria tais expressões artísticas, a *Zulu Nation*; Grandmaster Flash que revolucionou a mixagem de som trazendo novas tecnologias para a música; e último DJ Kool Herc, responsável pelas primeiras festas e pelo aparelho que seria indispensável para o movimento.

Para falarmos da origem desse movimento precisamos voltar a Jamaica e falar das lutas internas que desencadearam migrações para os Estados Unidos. Esses imigrantes buscando melhorias de vida levaram traços de sua cultura. Um dos elementos que seriam decisivos para o desenvolvimento do hip hop foi o chamado *sound system*. Trata-se de um

grande aparelho de som que era utilizado para realização de festas de rua na cidade de Kingston. Um desses imigrantes eram os pais de Clive Campbell que se tornaria mais tarde DJ Kool Herc, que utilizou um *sound system* para realizar a primeira festa de hip hop que foi denominada *Bloc Party* por ser realizadas em um bloco de comunidade habitacional no Bronx.

No final dos anos 60, um disk-jockey chamado Kool Herc trouxe da Jamaica para o Bronx a técnica dos famosos “*sound systems*” de Kingston, organizando festas nas praças do bairro. Herc não se limitava a tocar os discos, mas usava o aparelho de mixagem para construir novas músicas ¹

Assim como todos movimentos sociais não se pode entender o movimento de criação do hip hop por apenas uma perspectiva, dentre elas estão a migração de latinos para os Estados Unidos que acabam por trazer o *sound system* aparelho de som que seria imprescindível para a criação do movimento; as políticas públicas do momento que empobreciam ainda mais a população mais carente do país; mas também a popularização dos CD's entre as populações mais ricas da cidade nos anos 80 que fariam com que vários dos discos de vinil fossem descartados nas ruas, e reaproveitados por esses DJs como matéria prima em suas *Bloc partys*.

Com a transição da tecnologia de recursos analógicos para digitais, entre o fim dos anos 70 e início dos 80 houve uma substituição rápida e sistemática de toca-discos e LP's por leitores digitais e CDs. Dispondo de novos equipamentos, as pessoas mais abastadas simplesmente punham nas ruas os aparelhos “sucateados” e seus discos “velhos”. Pois os jovens desempregados passaram a recolher essa “tralha” e reconfigurar seu uso.²

Outro fator que contribuiu para o nascimento do Hip Hop foi a política interna norte americana; A política econômica neoliberal do presidente Ronald Reagan, denominada Reaganomics³, tinha entre os seus pilares a redução dos gastos públicos, redução do controle da economia pelo estado que culminou no aumento da desigualdade em todo o país. Um dos

¹ Hermano Vianna, Mundo do Funk Carioca, 1988

² Nicolau Sevcenko. A corrida para o século XXI, 2001

³ Mistura do nome do presidente da época Ronald Reagan e a palavra *economics*, conhecido basicamente por suas políticas de um estado mínimo

estados mais afetados foi Nova Iorque, por ser um grande centro recém povoado de imigrantes. O Bronx, bairro de onde os principais expoentes do hip hop vieram, era o retrato do caos social nos Estados Unidos.

Os jovens sem oportunidade de emprego ficavam sem opções de futuro, mesmo tendo feito cursos técnicos com, por exemplo, Grandmaster Flash que aprendeu como consertar equipamentos eletrônicos origem da sua fascinação pelos toca discos. Essa falta de empregos e oportunidades deixavam muitos jovens tentados a entrar para uma gangue, fenômeno bastante comum neste período nos Estados Unidos.

Essas gangues eram refúgio para aqueles que não tinham emprego e procuravam por algum resquício de ordem, em um momento que se vivia com muitas dificuldades por conta da falta de oportunidades de emprego, e também da violência excessiva na cidade. Afrika Bambaataa foi membro da gangue Black Spades antes de criar seu grupo de HIP HOP, *Zulu Nation* que serviu como caminho alternativo para os jovens que se sentiam perdidos. Neste grupo eles tinham contato com as várias facetas do movimento hip hop o que amenizou os conflitos entre gangues.

Este caos social em que se vivia no sul do Bronx pode ser bem observado na música “The message” de Grandmaster Flash and the Furious Five, considerada a música que instauraria a temática das músicas de hip hop. Em tom de crônica a letra mostra o cotidiano, de um jovem negro na cidade de Nova Iorque, como ele facilmente poderia entrar no mundo do crime e “viver rápido e morrer muito jovem”.⁴

O refrão começa dizendo “don’t push me cause I’m close to the edge / I’m trying not to loose my head / its like a jungle sometimes, it makes me wonder/ how I keep from goin’ under” que em tradução livre diz, “Não me pressione, pois, estou no meu limite eu estou tentando não perder a cabeça, é uma selva as vezes, e me faz pensar como eu consigo aturar/continuar”. Este trecho já nos permite pensar o momento que Nova Iorque estava passando e como os jovens negros sentiam. A música prossegue com uma descrição do cotidiano das ruas:

⁴ Se encontra na parte “Of how you live so fast and die so young” presente na musica no minuto 5.56

*Broken glass everywhere / People pissing on the stairs, you know they just don't care / I can't take the smell, can't take the noise / Got no money to move out, I guess I got no choice*⁵

*Bill collectors they ring my phone / and scare my wife when I'm not home / Got a bum education, double-digit inflation / Can't take to the job / there's a strike at the station / Me on King Kong standin' on my back.*⁶

Nas duas estrofes acima citadas podemos perceber como a cidade se encontrava e como as pessoas conviviam com o caos instaurado. Temos um panorama político-econômico quando a letra destaca a péssima qualidade da educação e o índice da inflação. No final da música há o relato da vida de um personagem, do nascimento até a morte, mostrando como uma vida pode facilmente se degradar em uma sociedade que não cuida de seus cidadãos. A música permite pensar os efeitos do *Reaganomics* pois retrata uma sociedade praticamente abandonada pelo estado.

No clipe⁷ que se tornou referência para a cultura hip hop vemos uma crítica a violência policial sofrida pelos jovens negros, que apenas por estarem juntos em uma esquina são abordados pela polícia e levados pela viatura. Na música podemos ouvir as sirenes e os jovens confusos com a situação. Essa música ajudar a definir o corpo temático do HIP HOP por se tratar de uma crítica a sociedade vivida, do cotidiano, da violência policial contra a população negra, temáticas essas que até os dias atuais podem ser observadas nas composições de rap.

Assim como os Estados Unidos, o Brasil após o fim da ditadura militar vivia grande crise econômica que o mito de milagre econômico não foi capaz de esconder por muito tempo. O problema se agrava com as políticas neoliberais gerando alta na inflação e redução do poder de compra do salário mínimo. Esses fatores fizeram que aumentasse a violência principalmente nas áreas mais carentes, que somada à violência policial fez eclodir

⁵ “Vidro quebrado por toda parte / pessoas urinando nas escadas e você sabe que eles não ligam / não suporto o cheiro nem o barulho/ sem dinheiro para me mudar, não tenho escolha” Tradução livre

⁶ “Cobreadores estão me ligando / assustando minha esposa quando não estou em casa / temos uma péssima educação e uma inflação de dois dígitos / não posso chegar ao trabalho / tem uma greve na estação / tem um king kong nas minhas costa” Tradução Livre

⁷ Produzido por Edward G. Fletcher e Sylvia Robinson.

um holocausto urbano⁸ nas grandes cidades. É neste cenário que podemos analisar a ascensão da cultura hip hop no Brasil.

⁸ Nome de um dos discos dos Racionais MC's.

CAPÍTULO I – O Rap Nacional.

O grupo Racionais MCs, composto por quatro artistas: Paulo Soares Pereira (Mano Brown), Edivalvo Pereira Alves (Edi Rock) , Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) e Kleber Geraldo Lelis Simoes (DJ KL Jay). Fundado em 1988, no distrito do capão redondo que fica em Campo Limpo, periferia de São Paulo, o grupo fez fama inicialmente apenas na capital paulista, mas são conhecidos em todo o país, considerados como o maior grupo de Rap do Brasil.

O movimento hip hop chega no Brasil por meio da dança, o Break, que ganha espaço nas ruas da grande São Paulo. Os discos de Rap vindos de Nova Iorque continham os beats dançantes que os break *dancers* utilizavam tendo assim o primeiro contato com o Rap. Outro grande responsável pela divulgação da cultura hip hop ao Brasil foi o audiovisual, como por exemplo o filme “Colors”⁹ (as cores da violência) e os clipes exibidos no canal MTV. O repertório audiovisual foi responsável por trazer as vestimentas típicas do movimento e também por trazer um certo teor crítico aos ouvintes, pois mesmo que não entendessem as letras em inglês, se identificavam com as imagens que eram transmitidas nos clipes.¹⁰

Com a popularização do break nas ruas do centro da cidade de São Paulo veio a vontade de produzir letras que falassem com o público local, mesmo que usando os beats estrangeiros, o que era muito comum na época. Eram utilizados beats das músicas de artistas como James Brown para que o MC (mestre de cerimônia) colocasse suas rimas criando assim uma nova música. Esse recurso foi alvo de críticas na época, pois se falava que os raps não eram músicas originais, apenas cópias de músicas estrangeiras, assim como Taperman mostra no trecho a seguir.

O argumento que o rap é copiado dos norte-americanos costuma vir carregado de conotação pejorativa, baseado em um conceito de cultura que pressupõe a existência de um “original”, situado no tempo e no espaço.¹¹

⁹ Filme de 1988, com direção de Dennis Hopper

¹⁰ Assim como no já citado clipe de the message, que traz no final de seu clipe um ato de violência policial contra a população negra, que é presa sem nenhum motivo aparente para tal truculência.

¹¹ TAPERMAN, 2015, pag 63.

Uma questão chave para se entender a obra do Racionais é perceber como esta quebra com certo padrão da MPB. Ela “coloca o dedo na ferida”, denuncia o sofrimento das periferias brasileiras sem as marcas da ideia de democracia racial que ajudou a definir a modernidade da cultura brasileira.

Em “Cultura brasileira e Identidade nacional” Renato Ortiz debate o tema mestiçagem cultural tratado nas letras brasileiras. Destaca que a mestiçagem nem sempre teve conotação positiva, como no caso do clássico “O cortiço”, de Aluisio Azevedo que trata de forma pejorativa a mestiçagem. Ortiz destaca ainda o ponto de virada na década de 1930 com os três pilares da historiografia brasileira de meados do século XX: Caio prado Jr, Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre

“O mito das três raças se torna plausível e pode se atualizar como ritual, a ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaboradas pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional”.(Ortiz pag,41)

A citação trata da obra de Gilberto Freyre e como a historiografia sobre a cultura dos povos negros foi incorporada a uma cultura nacional, agora vista com pontos positivos. “Gilberto Freyre transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que a muito vinha sendo desenhada”.

No livro de Renato Ortiz, Cultura brasileira e Identidade nacional podemos ter um panorama de como o negro foi tratado na historiografia, de como ele praticamente não existia na literatura a não ser como força de trabalho e que apenas com o movimento abolicionista ele acaba sendo visto como um dos pilares da brasilidade “ a mestiçagem entre branco índio e negro”. Mas é importante dizer que tal mestiçagem nem sempre vem como uma carga positiva, como o próprio autor nos dá o exemplo do clássico o Cortiço, no qual quando o Jeronimo (branco-português) que carrega todo o estereotipo do homem forte e empreendedor se abrasileira quando engaja em um relacionamento com Rita Baiana (mulata), assim se transformando em um homem que não gosta de trabalhar, preguiçoso e

sem “espírito de luta”. Importante dizer que esse movimento de escrita do mito das três raças (branca, indígena e negra) é um ponto de mudança na sociedade brasileira, um momento de criação de uma identidade nacional que até então não se pensava, e um momento de mudança de modo de vida, saída de um país escravocrata a uma tentativa de modernização indo de encontro ao modo capitalista de se viver.

O grande ponto de virada e de intensificação de tal tentativa de criação da identidade nacional vem na década de 30 com os três grandes pilares da historiografia brasileira: Caio prado Jr, Sergio Buarque de Holanda e Gilberto Freyre

“O mito das três raças se torna plausível e pode se atualizar como ritual, a ideologia da mestiçagem, que estava aprisionada nas ambiguidades das teorias racistas, ao ser reelaboradas pode difundir-se socialmente e se tornar senso comum, ritualmente celebrado nas relações do cotidiano, ou nos grandes eventos como o carnaval e o futebol. O que era mestiço torna-se nacional. ” (Ortiz pag,41)

Tal citação trata da obra de Gilberto Freyre e como a historiografia se modificou naquele período, como a cultura dos povos negros foi incorporada a uma cultura nacional, agora vista com pontos positivos, o que realmente se torna senso comum, hoje em dia o samba, o carnaval a capoeira é vista como cultura nacional, mas o que acarreta com isso é o mito da democracia racial que os Racionais MC’s tentam de forma tão ferrenha quebrar e mostrar que a violência contra a população negra ainda existe que não podemos nos deixar enganar por tal democracia, assim como em Negro drama Mano Brown fala “Crime, futebol, música, caraio eu também não consegui fugir disso aí” mostrando como é a isso que a cultura negra está conectada, e que se torna um estereotipo para tal população.

Um dos livros que podemos observar tal questão é a obra de Von Martius que coloca tais pilares, mas até pela disposição do texto podemos ver a disparidade de cada estrato social, enquanto os brancos têm várias páginas para designar a sua importância para a identidade nacional, aos negros é dedicada apenas uma página.

“Gilberto Freyre transforma a negatividade do mestiço em positividade, o que permite completar definitivamente os contornos de uma identidade que a muito vinha sendo desenhada” nas palavras de Ortiz é com Freyre que temos a essa importante mudança de olhar sobre os negros e sua contribuição para a sociedade brasileira.

“A medida que a sociedade se apropria das manifestações de cor e as integra no discurso unívoco do nacional tem-se que elas perdem sua especificidade” o que o autor relaciona com o Samba que ao ser incorporado pelo nacional acaba perdendo sua origem de música negra.

Não se pode apagar a origem do hip-hop como uma música negra, e o grande intuito da mesma é mostrar para a sociedade e aos ouvintes o que eles não estavam vendo, a invisibilização que aquele povo vinha sofrendo desde sempre na história do Brasil, botando fim assim a essa democracia racial de que tudo está conectado e misturado na cultura brasileira “Rap é pra geral pretos brancos ricos pobres, ok mas nois sabe qual lado que morre” tal citação se encontra na música o céu é o limite¹², uma grande parceria dos maiores nomes do Rap nacional na atualidade, cada um dos rappers/mcs com seu próprio estilo dão seu panorama social de 2018. A música traz um encontro da nova geração do rap nacional com a velha guarda com a figura de Mano Brown, que abandona na música uma atitude de enfrentamento direto e traz dizeres sobre carros e diversão.

O que permanece de certa forma as mesmas queixas das canções dos anos 90, como a violência policial, (retrato da sociedade é o moleque com iPhone 7 na cintura toma 7 tiros confundindo os 7 tiros, no sétimo dia sua coroa ainda chora), a questão da violência policial hoje se encontra muito turbulenta e sempre vem com uma questão de confusão da polícia diante do massacre contra a população negra, como podemos ver em várias ocasiões onde a polícia confunde um guarda-chuva com um fuzil ou confunde um homem e solta 80 tiros contra um carro de uma família.

“O mito das três raças é, nesse sentido exemplar: ele não somente encobre os conflitos raciais como possibilita a todos de se reconhecerem como nacionais”¹². E podemos perceber que era dessa maneira que o Brasil e a produção cultural estavam antes do surgimento de um meio crítico de expressão que mostrasse e realmente colocasse o dedo na ferida mostrando o que estava errado e que estava invisível aos olhos do senso comum. O que o mito das três raças deixou como legado foi uma falsa crença de que no Brasil não existe racismo e que realmente a miscigenação ocorreu de forma pela qual hoje todos somos brasileiros, o que sabemos que é uma grande falácia.

¹² DEVATOPROD. 2018

Com relação a como os autores brasileiros discorrem sobre a cultura popular Ortiz tem um texto no mesmo livro (Cultura Brasileira e Identidade Nacional) que se intitula: Da cultura desalinhada à cultura popular: o CPC da UNE. Nele o autor nos mostra o ponto de virada do olhar sobre a cultura popular no Brasil que antes era vista como folclore, uma visão mais tradicionalista de cultura e passa a ser como o próprio autor cita Ferreira Gullar uma tomada de consciência de realidade brasileira” a cultura popular assim ganhava um cunho político do qual não estaria mais dissociada.

“Cultura popular não é, pois, uma concepção de mundo das classes subalternas, como o é para Gramsci e para certos folcloristas que se interessavam pela “mentalidade do povo”, nem sequer os produtos artísticos elaborados pelas camadas populares, mas um projeto político que utiliza a cultura como elemento de sua realização. O termo se reveste, portanto de uma nova conotação, significa sobretudo função política dirigidas ao povo”.

Porem um ponto que distancia essa nova visão de cultura popular do objeto que estamos trabalhando, os Racionais Mcs, é a questão dos intelectuais, que nesta perspectiva deveriam “se tornar povo”, se aproximaria do que antes chamávamos de vanguarda, “Falando ao povo (a respeito dos problemas do povo) o intelectual passa a ser o povo e então e então seu porta-voz e então intelectual da sociedade e não da antisociedade” uma questão que devemos pensar é se os Racionais MCs se incorporam a esse conceito de intelectuais, ou se eles estão fora desse espectro. A meu ver eles estariam nesse lugar de porta vozes daqueles que não tinham voz, daqueles que a sociedade não sabia que existia, ou fazia questão de silenciar. Porem chegou um momento que nem mesmo esse desejo de silenciamento conseguiu deter o que eles queriam mostrar para o mundo, se olharmos para como a mídia e a polícia como aparato de força do estado lidavam com esses indivíduos e mesmo assim eles conseguiram contrariar as estatísticas e vender seus discos com um selo independente.

Hoje podemos perceber uma mudança o rap, até mesmo na musicalidade, que perde no grave marcado e ganha uma versão mais suave e com letras menos contestatórias, perdendo o viés de crítica e denuncia social que encontrávamos anteriormente. Tais mudanças podem ter vários pontos de surgimento Ricardo Teperman nos traz uma possibilidade na qual tal mudança vem com o maior acesso a informação e tecnologias:

A relativa melhoria no nível de renda, a democratização do acesso à internet banda larga e à tecnologia em geral, associados à maior escolarização, são algumas das mudanças recentes que impactaram as trajetórias de produtores e consumidores de rap. Como vimos, Emicida concluiu o ensino médio e formou-se técnico em design. Muitos outros MCs de sua geração, como Kamau, Projota e Marcello Gugu, têm nível superior completo. Se a expressão "nova classe média" é precipitada ou imprecisa, é certo que as transformações do Brasil nos últimos 15 anos bagunçaram a identidade de classe no rap¹³

A mudança política vivida no Brasil nos anos 2000, trazendo os jovens negros para as universidades e melhorando o poder de consumo da população periférica traz também uma necessidade de mudança nas temáticas musicais do gênero. Em podcast no qual Mano Brown deu entrevista em 2022¹⁴ levanta o questionamento de como o disco “Cores e Valores” foi o mais incompreendido dos discos do grupo, por ter sido lançado em um momento que a sociedade se encontrava com mais direitos e mais “tranquilidade” e relaciona isso ao governo Lula.¹⁵

Mas essa mudança não acontece apenas com os artistas novos, por exemplo Mano Brown em 2016 lançou um projeto solo denominado Boogie Naipe (mesmo nome da produtora especializada em Rap) vem com uma nova sonoridade e temática, se distanciando das músicas de protesto e denuncia que os Racionais (que hoje em dia passa por uma pausa) traz desde o fim dos anos 1980. A sonoridade de Boogie Naipe, traz uma pegada que lembra um funk de James Brown, que volta a origem de Mano Brown, que tem esse nome por fazer seus raps em cima de bases de James.

Ao voltar ao funk e ao soul para a criação desse disco, Brown também tem em mente voltar a uma versão mais antiga da negritude na qual o amor e a auto estima são pilares fortes do gênero. “A periferia não era um público de rap”¹⁶ já havia uma cultura predefinida, apesar de se falar o que a periferia vivia nem sempre era isso que elas queriam ouvir, por já estar vivendo aquilo todos os dias, ou por apenas procurar paz e diversão nas músicas, um refúgio, e uma fuga da realidade vivida no dia a dia

¹³ TEPERMAN. 2015

¹⁴ POD PAH. 08 março de 2022

¹⁵O grupo Racionais Mcs tem grande aproximação com o partido dos trabalhadores, participando de comícios do partido nos anos 1990. Como levantado em vários momentos nas entrevistas concedidas por /mano Brown e também em matéria de jornais (REZENDE. 1997)

¹⁶ Trecho da entrevista de Brown para Podpah

Trabalhar com uma forma mais amena de rap faz com que a música fique mais palatável as novas gerações, que não estão acostumados a sobreviverem no inferno, por isso o grande estouro de Hungria, ele entende para qual público quer ser distraído e por isso em suas letras não encontramos temas complexos, mas sim letras mais simples que consequentemente são mais fáceis de absorver.

Em entrevista ao programa Manos e Minas¹⁷ Mano Brown deixa claro que ao trabalhar essa sonoridade de soul e funk ele não abandonou o protesto, o Racionais não acabou por ele estar nesse novo projeto, é só uma nova forma de tocar o público, em suas palavras: a revolução tem que vir do coração

Como Brown diz, a zona sul era o lugar mais violento de São Paulo nos anos 80 isso tem uma relação direta com a militarização da PM que vem do legado da ditadura militar. Porém mesmo após a redemocratização essa polícia não perde a truculência.

A violência de Estado nos remete a uma sociedade marcada pela colonização e a escravidão, pelo legado da ditadura militar e pelos desafios da construção de uma democracia a partir dos mecanismos da justiça de transição.

O que se observa após o fim da Ditadura é a reprodução do mesmo padrão de violência. Em dados de 2007, o Brasil havia sido denunciado no Sistema Interamericano por violência policial ocorrida a partir de 1982 em 34 Casos.¹⁸

. Importante enfatizar que essa violência não é exclusivamente para a população negra, o que acontece é que a sociedade brasileira já é muito racista, e esse racismo estrutural só intensifica a violência contra essa população muitas vezes marginalizada, como o exemplo de um jovem que foi morto pela polícia por terem confundido um guarda-chuva com um fuzil¹⁹

A violência policial não é a única herança negativa que permaneceu na sociedade brasileira após o fim da ditadura militar. A sociedade se encontrava totalmente empobrecida. No fim dos anos 80 o que se cristaliza nos anos 90 aumentando o abismo que existia entre ricos e pobres, o que contribuiu para a intensificação da violência nas partes mais pobres da

¹⁷ Programa da TV Cultura publicado em 5 de junho de 2018 em seu canal no youtube.

¹⁸ Trechos presentes no texto A VIOLÊNCIA DE ESTADO E A BUSCA PELO ACESSO À JUSTIÇA, 2018

¹⁹ Carolina Moura (ponte) "PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio afrima testemunhas", El Pais 18 setembro 2018

cidade, e o Rap vem como expressão cultural do que estava acontecendo nas periferias, o meio como as classes pobres encontraram para se expressar e interpretar o que estava acontecendo a seu redor.

Ao trabalhar com a teoria crossover de Ângela Gilliam que mostra como o Capital se apropria de experiências de contracultura e acaba higienizando-as para que uma maioria consiga aceitá-la facilmente, o que podemos observar com o jazz que perde seu caráter de improvisado e liberdade e acaba sendo engessado e se transforma em uma música de restaurante, espera ou de elevador. Retirar essa liberdade da música também é significativo, é uma tentativa de tirar a liberdade dos negros, aqueles que criaram essa música e a tem como expressão individual. Quando acontece esse crossover os brancos se apropriam da música. No texto o autor/autora diz que esse processo não pode atingir o rap:

O rap tomou conta da juventude atual, em parte porque ele é 1) a única oposição articulada ao paradigma dominante, 2) a primeira expressão musical criada por negros para negros que nunca precisou de técnicas de cover ou de crossover para ser comercializável no mercado dominante²⁰

Segundo Gilliam a música não precisa da técnica para ser vendável, pois os discos dos raciais por exemplo sempre tiveram boas vendas. É possível observar que nos dias de hoje há uma vontade de expandir o movimento rap por ele ter grande venda, uma vontade de expandir para o maior grupo de pessoas possível por isso podemos observar a amenização das letras e também no beat, para que as músicas consigam penetrar nas casas de mais brasileiros. O texto de Gilliam fala de um embranquecimento da música, o que aqui seria um enriquecimento, são as mesmas pessoas que fazem as músicas o que muda é o público alvo que se estende da periferia para o centro, por conta de uma demanda criada pelo capitalismo, expandindo o movimento para que ele seja mais amplo.

Um ponto que podemos levantar com a leitura de Gilliam e a questão crossover, que seria uma apropriação das classes dominantes e brancas ao produto da cultura negra por essência, que no caso da autora que é norte americana trata do jazz e do blues, no nosso caso

²⁰Gilliam, A ideologia crossover e sua relação com gênero.1991

vem com o samba como já foi dito do funk e também do Rap se pensarmos nos anos 90 com a aparição de Gabriel Pensador, homem brando de classe média que cantava rap e conseguiu se inserir em lugares que os criadores do movimento/ negros não conseguem pois trazia um rap mais ameno, mais divertido. Como por exemplo se apresentar na Globo em um dos programas de maior audiência como domingo do Faustão e Fantástico.

Não foi apenas uma questão de mercado, os próprios criadores do conteúdo viram que o rap se tornou um produto vendável (Emicida em “Hoje cedo” ft com Pitty, diz “a sociedade vende Jesus porque não ia vender rap?”). Os artistas começaram a ganhar a vida dessa maneira, o que acontece no caso brasileiro é, não é o crossover que incorpora os artistas negros e o embranquece, e sim os artistas negros que encontram uma forma de se apropriar do crossover, fazendo eles mesmo as mudanças necessárias para o lucro.

Nesse sentido é possível aproximar o funk do Rap, ambos são músicas que entram na vida do brasileiro em um mesmo momento, nos anos 1980, mas ficam restritos as camadas mais pobres da sociedade, como o funk fica no Rio de Janeiro com mais força nos morros e o rap em São Paulo nas periferias da zona sul. Mas há um momento de quebra onde toda a sociedade começa a escutar tais músicas e as mesmas começam a tratar de outros temas, para que hoje em dia possamos observar tais músicas sendo vinculadas em propagandas como uma propaganda do refrigerante Kuat de 2011 que traz um humorista fazendo versos de funk sobre o produto, ou como um comercial da rede de vendas OLX que fazem uma paródia da música Eu só quero ser feliz (1993) de Cidinho & Doca. Isso evidencia como esses gêneros musicais foram incorporadas pelo capital, chegando a ajudar nas vendas.

“Eu só quero ser feliz”, é uma das músicas de rap mais tocadas nas festas de todos os estilos musicais, sendo tocada de sua forma original ou remixada para uma forma mais eletrônica, para ser tocada em outras festas. A letra traz esperança, e felicidade que é também estão na base dos estereótipos da favela ou os moradores são criminosos ou são humildes e muito felizes.

Já nos anos 1990, o rap começa a ser inserido na casa das classes médias, como pode-se observar em matérias da folha de São Paulo²¹, que fala que o rap entra na casa da “playboyzada” e também se pode observar em músicas do grupo Racionais mcs.

Em 1994 os rappers sofriam críticas, eram taxados de preconceituosos com as mulheres e brancos, só porque não falavam dos mesmos em suas músicas. Considerar, no entanto, como que era importante criar um espaço de representatividade para a comunidade negra. Por isso a importância do rap em uma sociedade que esconde o racismo que os povos negros sofrem todos os dias, assim como os rappers brasileiros se acharam representados pelos rappers norte americanos ao assistirem seus clipes.

Ainda nos anos 1990 os clipes dos Racionais passaram a ser veiculados na MTV. Quando a banda ganhou o prêmio “escolha da audiência” passou a se aventurar em espaços não antes habitados. Esse processo ficaria ainda mais forte com o lançamento do disco duplo de *Nada como um dia após o outro dia* que traz músicas como “Nego drama”. A letra em sua letra nos fala como a banda trata essa nova massa que escuta suas músicas, como em um verso no qual diz que um jovem de classe média cola um pôster do Tupac no quarto e mais especificamente no momento que diz “seu filho quer ser preto á que ironia”. A música Nego drama, traz relatos dos cantores de como vivenciam o drama negro, ou seja, como é a vida de um negro na selva de concreto e aço²²

As letras do grupo trazem como assuntos recorrentes a violência policial, a discriminação racial e a vida na periferia. Eles próprios passaram por alguns incidentes envolvendo a polícia, como por exemplo o Rap No Vale (1994), festival que aconteceu no vale do Anhangabaú no qual os policiais que estavam trabalhando na segurança do evento se sentiram ofendidos por algumas letras dos rappers que se apresentavam, dentre eles o MRN e o Racionais MC’s. Antes de serem levados pelas autoridades ironizaram que iriam tomar um café na delegacia e ainda apresentaram uma última música enquanto os policiais esperavam. A ação dos policiais não ocorreu em um mesmo momento, primeiramente levaram os integrantes do M.R.N. e depois o grupo Racionais, porque se acharam ofendidos novamente e os levaram à delegacia, alegando que os cantores estavam incitando a violência com tais letras.²³

²¹ DAVILA Raivosos, radicais Racionais. 1994

²² Referenciando um trecho da música “Nego Drama” 2002

²³ Folha de S Paulo. Polícia prende grupos de rap durante show. 28 de novembro de 1994

Outro incidente envolvendo o Grupo na cidade de São Paulo ocorreu em 2007 na praça da Sé na virada cultural daquele ano, neste caso o grupo não foi autuado pela polícia, mas alguns fãs da banda ficaram feridos ou foram detidos, apesar de não envolver diretamente o grupo a polícia coloca a culpa da exaltação dos fãs ao grupo e as músicas que teriam incitado a plateia a um ato violento para com a polícia ²⁴

O Sobrevivendo no Inferno, livro lançado em 2018, tem uma introdução que apresenta os Racionais MCs e o álbum Sobrevivendo *no* inferno. Contextualiza produção do disco e as questões que levantou na sociedade brasileira na época de seu lançamento. Dois anos após a publicação o livro se leitura obrigatória para o vestibular da UNICAMP, um dos mais importantes do país, o livro vem para aqueles que precisam ter seu primeiro contato com o grupo, sendo por motivos externos ou apenas uma obrigação para o vestibular, para aqueles que não desejam escutar as músicas e preferem uma leitura mais tradicional

Ao trabalhar com a obra dos racionais precisamos ter em vista a dimensão que a banda tem e teve no momento de sua fundação, os jovens da periferia nunca tinham tido seus iguais cantando/falando de sua realidade para tanta gente ouvir (apoiado por mais de 50 mil manos), aquilo era uma novidade tanto para a grande massa/hegemonia como para aqueles que teriam suas vozes ouvidas pela primeira vez.

Em entrevista²⁵ o DJ do grupo, KL Jay, fala que por tanto sofrerem com a manipulação das grandes mídias, que distorciam o que os integrantes falavam para diminuir e marginalizar o movimento, eles resolvem parar de dar entrevistas para esses grandes veículos midiáticos, o que se tornou uma dos diferenciais do Grupo, pois eles estavam negando o veículo de maior giro de informações da época que era a televisão, se firmando como underground e negando o mainstream, o que mais à frente no trabalho veremos uma mudança da cena Rap.

Um dos poucos eventos que os racionais participaram nos anos 1990 que foi transmitido pela tv, foi o VMB (video music Brasil) no qual estavam concorrendo na categoria de melhor clipe de Rap com a música Diário de um detento, e também fizeram uma apresentação de algumas de suas músicas. Eles ganharam o prêmio e no momento dos agradecimentos podemos ver como o grupo é uma ruptura com a agenda musical negra anterior. Houve um momento de atrito entre um dos integrantes dos racionais Kl Jay, e

²⁴ Folha de São Paulo. Virada cultura se transforma em campo de batalha no centro de SP. 06 de maio de 2007

²⁵ Histórias do Rap nacional. 2018

Carlinhos Brown, que estava apresentando a premiação, no momento do agradecimento do DJ que levanta a questão de que muitos dos manos que eles representam não tem a condição de assistir a premiação, e que o que restou para os negros foram as favelas e cadeias depois de enriquecer a Europa e a América do Norte, é interrompido por Carlinhos Brown que começa a cantar de forma enfática. O que podemos observar nesse ocorrido é o conflito entre visões sobre a questão racial no Brasil.

“A hostilidade entre o apresentador e os membros dos racionais era evidente desde o começo, e ganhou sentido quando Carlinhos Brown interrompeu o discurso de KL Jay. Enquanto para os racionais as coisas “não estão certas”, o músico baiano apresenta uma visão conciliatória próxima de um tipo de formulação bastante conhecida na tradição do pensamento social brasileiro, conhecida como “mito da democracia racial”. Neste trecho do livro se liga no som de Ricardo Teperman que trata das mudanças do Rap nacional desde sua chegada no Brasil a seu momento atual que há uma cena mais ampla com o espaço para rappers mulheres, e aproximações com outros estilos de música como a parecia de Criolo e Caetano Veloso, podemos ver como os racionais vem para quebrar com essa visão de democracia racial de que tudo está bem e que não há racismo no Brasil, um mito que até hoje se encontra no senso comum, mesmo que de forma mais moderada, pois hoje temos mais representatividade e conseguimos escutar aqueles que no antes não tinham voz. O rap vem se coloca exatamente nesse lugar, de crônica do cotidiano para mostrar aquilo que é vivenciado na periferia, mostra outra perspectiva, não apenas aquela que aprecia nos jornais como por exemplo os índices de violência no Capão Redondo, que foi indicado como o bairro mais perigoso de São Paulo no fim dos anos 80.

Em 2019 o grupo completou 30 anos de história e com essa data comemorativa fizeram uma turnê pelo Brasil com um novo estilo de show, desta vez eles optaram por utilizar uma banda e não apenas o som o DJ, e com isso fizeram também um mini documentário²⁴ para divulgação do mesmo, podemos olhar pelas imagens do documentário como o grupo mudou e cresceu. No documentário que comemora as 3 décadas do grupo eles dividem sua história por essas três décadas, 80 quando o grupo foi criado e as dificuldades que passaram em tal momento. Anos 90 que para todos os integrantes foram os anos mais engajados politicamente com as discussões raciais e de colocar perguntas para os ouvintes de se colocarem no mundo, nessa década outro grande ponto destacado por eles é a criação e lançamento do disco *Sobrevivendo no Inferno*, que para eles foi um grande marco, pois foi

ali que se tornaram nacionalmente conhecidos e até internacionalmente, pois começaram a fazer shows fora do país.

Para KL Jay²⁶ este é o CD clássico dos Racionais, o disco que apresentou o grupo para outros públicos, o que atravessou barreiras. A terceira década que é vista pelos integrantes como um momento de mudança e consolidação do grupo, com o disco nada como um dia após o outro dia que, disco duplo que se mantém vivo “na boca do povo” até hoje.

Visto como um disco clássico dos Racionais MC's *Sobrevivendo no inferno* se torna um clássico também para a literatura brasileira ao se transformar em livro e ser selecionado como leitura de poesia obrigatória para o vestibular da UNICAMP de 2020, o que é muito emblemático para o grupo e para a historiografia brasileira como um todo, pois esse disco/livro se torna cânone na cultura brasileira. O grupo põe fim ao mito da democracia racial ou no mito das três raças destacado anteriormente, coloca também um novo jeito de se fazer música negra no Brasil, de uma maneira que lembra de suas origens e que mostra um cotidiano difícil e de guerra que os negros vivem no Brasil, não de uma forma branda em um país tropical abençoado por Deus e bonito por natureza.

A novidade dos Racionais foi criar um processo indenitário poderoso fora da chave “nacional- patriótica” que havia marcado tanto a experiência chamada axé music quanto o samba carioca, para ficar em apenas dois exemplos campo da música popular. Ainda que simplificando um pouco, pode-se dizer que a favela cantada nos sambas cariocas facilmente se convertia em símbolo de alegria brasileira em um registro festivo e ufanista²⁷

Essa maneira conciliatória que o samba e o axé eram vistos só se fazia permanecer tal pensamento de que a miscigenação aconteceu de maneira pacífica e harmoniosa no Brasil, se naturaliza tal processo. O que o Rap inaugura de modo geral é essa forma estridente de denunciar as mazelas sofridas, sem naturalizar as opressões, mais uma vez botando o dedo na ferida aberta que é o racismo no Brasil.

O momento em que estamos hoje em dia demanda uma nova abordagem dos artistas para com a indústria musical, a música não é mais distribuída como antes, com as

²⁶ Em entrevista dada a Trip Tv intitulada KL Jay Rap e espiritualidade e publicada em seu canal no YouTube em 2016

²⁷ Ricardo Teperman. *Se Liga* no som. Pag 76.

mídias digitais os artistas não tem a necessidade de se render as grandes mídias e canais de televisão, eles tem um contato mais direto com aqueles que os seguem via youtube, onde podem colocar seus vídeos, entrevistas e documentários, como é o caso dos racionais que colocam todo esse material na internet, e o que mostra a popularidade de um artista são as visualizações de seus vídeos/músicas e não mais a vendagem de discos. Os grupos têm que se adaptar aos novos meios de se fazer música, o que podemos ver nas ações dos cantores de fazer parcerias com outros músicos para se alcançar novos públicos, como é o caso de Mano Brown com a música O céu é o limite, que se reúne com os novos expoentes do rap para também se promover.

O que se observa é que no processo de adaptação dos músicos eles também criaram um aspecto de empreender e tratar o rap como uma empresa e não apenas o instrumento de disseminação de uma mensagem de conscientização. Como podemos ver no caso dos próprios racionais que criaram sua própria gravadora/produtora, primeiramente a Cosa Nostra e mais recentemente a boogie naípe, que tratam de todas as questões do grupo e não, que tem total liberdade de produção, como foi o exemplo do disco duplo de Nada como um dia após o outro dia que foi considerado uma loucura pelos próprios integrantes do grupo mas foi lançado nesse modelo como uma obra completa, o que não aconteceria se o grupo não tivesse total liberdade de produção.

Outro rapper que também se aventurou em tratar o rap também como um mercado foi Emicida²⁸ de São Paulo encontrou seu lugar criando sua produtora a Laboratório Fantasma, e também sua Grife a LAB que já esteve em desfiles no SPFW (São Paulo Fashion Week) onde gerou muita polemica por estar “vendendo a favela”, o que foi respondido de forma rápida e certa pelo rapper que não entendia porque aqueles que o criticavam não conseguiam vê-lo vencendo na vida só por ser negro “uns preferem morrer ao ver um preto vencer”²⁸. Além de sua grife e produtora, ele participa de um programa no multishow chamado papo de segunda, e também tem várias canções com participações que talvez parecessem improváveis no início do movimento no brasil como com a Drag Queen Pabblo Vittar e Majur, Vanessa da Mata MC Guime, Pitty entre outros.

²⁸ Leandro Roque de Oliveira rapper de São Paulo que tem esse codinome Emicida como uma junção de MC (mestre de cerimonia) e homicida, pois ele matava com suas rimas.

Um ponto importante de se destacar é que os músicos têm total participação ativa em suas produções, não é a indústria musical que determina o que eles irão fazer com suas músicas ou composições e sim os próprios que vendo o mercado veem uma forma de adaptar sua arte a esta questão.

Em entrevista a *Le Monde Diplomatique* Mano Brown fala que o Rap mudou porque tinha que mudar porque era o momento de mudar, não podemos ficar nessa visão simplista, temos que entender que se tratando da música como um mercado podem haver interesses por traz de tais mudanças não podemos tirar o caráter estrategista dos músicos.

O que não tira a importância de atividade dos cantores, que não se deixaram incorporar pelo mercado, mas tomaram as rédeas de sua própria arte e continuam fazendo música para os seus, porém sabendo que elas estão sendo ouvidas por toda uma legião de fãs que hoje não se encontram nas favelas, mas também estão nos jardins e bairros abastados.

Desde 2013 podemos ver em uma matéria na *diplomatique* citada por Teperman, na qual Walter Garcia fala que o Racionais vai se colocando em um novo lugar na música brasileira mais próxima do mercado hegemônico da música negra, essa mudança aparece claramente aos olhos quando escutamos o disco solo de Mano Brown, *Boogie naipes*, no qual em sua maioria são músicas despolitizadas, dançantes e que tratam de amor, um novo jeito de observar a quebrada, em entrevista a *trip tv* que fez uma matéria em decorrência do lançamento do disco, Brown diz que agora ele está mais bélico do que nunca mesmo falando de amor e não de uma forma mais incisiva como falava no início de sua carreira.

Os Racionais mcs se originam em um movimento muito politizado e como já discorremos acima ele se coloca contra grandes axiomas da história Brasileira como é o caso do mito das três raças e o mito da democracia racial. Outro lugar que ele se coloca é no meio de grandes dualidades, como centro X periferia, negro X branco, rico X pobre, mainstream X underground, e todas essas dualidades podem ser encontradas não apenas em suas vivências, mas também em suas músicas que são as vivências de seu povo trabalhada em forma de crônicas e transformadas nesses relatos do vivido.

CAPÍTULO II – Musica enredo e leitura social

Musica assim como imagens e entrevistas são fontes históricas e assim como todas, devemos nos ater que as mesmas são interpretações e não trazem a realidade dos fatos, toda fonte deve ser lida como produzida por alguém, em um certo contexto e traz consigo as visões de mundo daquele que a produziu, assim não há uma fonte desprendida no tempo e no espaço.

Ao analisar as músicas do grupo Racionais MCs devemos entender de onde os mesmos falam, qual o contexto social que estão inseridos, para quem falam e quando falam.

O rap é considerado por muitos uma crônica do cotidiano, e alguns compositores tendem a dizer que trazem a verdade dos fatos, pois traziam a tona no fim dos anos 80 em diante aquilo que não era exposto nas grandes mídias e nos meios tradicionais de se consumir informações, como rádio, jornais e tv. Se se trata de verdade ou não, não podemos saber, o que sabemos de fato é que os atores sociais periféricos estavam falando por si, sem intermédio de ninguém sejam eles historiadores, jornalistas, poetas. A periferia queria ser ouvida, e foi.

O grupo Racionais Mcs é considerado o mais importante em nível nacional grupo de rap do Brasil, e tem uma vasta discografia a qual pretendo adentrar de forma sucinta nas próximas páginas, trarei 3 discos da banda e analisarei 4 músicas para adentrar na visão de mundo que os cantores/ compositores tinham da época na qual escreveram as músicas. Analisaremos a música Fim de semana no parque, do disco Raio X do Brasil de 1993, a música “Capitulo 4 Versículo 3” do disco Sobrevivendo no Inferno de 1997; e duas músicas do disco Nada como um dia após o outro dia de 2002, “Negro drama” e “Da ponte pra cá”.

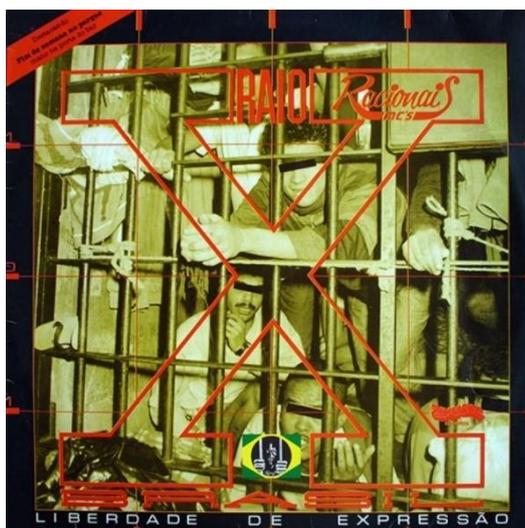
As composições vão num caminho distinto daquele Brasil cordial que Gilberto Freyre tanto falou, mostra como os jovens negros vivem ainda hoje no Brasil, tanto tempo após a abolição da escravatura, como o preconceito está em todos os lugares e como o racismo está incrustado em nossa sociedade. Além disso traz contraposições de como um bairro e uma classe social podem diferenciar totalmente a vida de uma pessoa.

Os jovens vêm encontrando sem dúvida, as representações associadas a estes universos musicais e à sociabilidade que eles promovem, o estabelecimento de novas formas de representação social que lhes permite expressar seu descontentamento, opor-se à tese da não violência, isto é de que o Brasil seria uma “nação diversa e não-violenta”. E o caso por exemplo das letras das músicas dos Racionais MC’s, importante grupo de hip-hop paulista que, mesmo sem propor uma “solução” para o conflito, preocupa-se em denunciar contrastes sociais, a violência promovida pela estrutura sociopolítica econômica e vigente no País”. (Herschmann, 2005) p. 40²⁹

Trabalharemos de forma cronológica a discografia do grupo e dessa forma analisar as músicas anteriormente citadas, com a vontade de elencar a visão que os mesmos tinham sobre a situação social brasileira na qual estavam inseridos.

2.1 - Raio X do Brasil – 1993

Imagem 1 – capa do álbum raio x do brasil



Fonte: Racionais MC's, 1993

Disco Produzido pela Zimbabwe Records, a capa do disco tem como imagem uma cela de prisão superlotada no qual os presos olham fixamente para a câmera porem tem seus olhos pintados com faixas pretas o grupo dessa forma já nos dá uma ideia de retrato do Brasil que quer nos mostrar.

²⁹ Herschmann, M. (2005). O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ.

Começaremos a análise com uma música contida no terceiro disco da banda intitulado Raio X do Brasil, que apenas pelo nome nos dá a ideia de que o disco vem nos mostrar o que está dentro do pois e que não se pode ver a olho nu, como disse anteriormente os rappers tem como princípio esse lema de trazer a verdade o escondido à tona. o que fica claro com a música de introdução do disco que traz o seguinte texto

1993, fudidamente voltando, Racionais /Usando e abusando da nossa liberdade de expressão / Um dos poucos direitos que o jovem negro ainda tem nesse país / Você está entrando no mundo da informação / Autoconhecimento, denúncia e diversão /Esse é o raio-x do Brasil, seja bem vindo.

Apesar de ser apenas a introdução já traz algo que se tornaria um avento na vida dos cantores, o acontecimento no vale do Anhangabaú na qual os mesmos foram detidos pela polícia por ela se sentir ofendida por uma música do grupo, dessa forma nem mesmo esse direito que é o de liberdade de expressão eles possuíam, como já vimos no capítulo anterior.

Vale ressaltar que neste trabalho a análise se estenderá apenas ao texto da música e não a todas as suas ramificações musicais como beats, e musicalidade. As letras serão nossa fonte de trabalho

2.1.1 - Fim de semana no parque

Segunda música do álbum é composição de Mano Brown, e tem *samples* de Jorge Bem, se inicia contextualizando onde o musica vá ser contada, se trata de um final de semana no verão e se inicia dando a contraposição de dois mundos, a periferia da cidade de São Paulo, a zona sul, e o oposto que seria o mundo da "playboyzada"

O personagem principal da canção, Mano Brown, está fora de sua comunidade, observando o final de semana dos ricos da cidade, já inicia com uma crítica a esse povo que com "as garagens abertas eles lavam os carros desperdiçam a agua eles fazem a festa" logo já traz um traço de sua personalidade sendo ele malicioso e realista, que não consegue ter esperança pois vê a discrepância entre os dois mundos e não enxerga uma perspectiva de mudança, na qual os ricos continuam vivendo suas vidas com suas mordomias, e seu povo continua sendo excluído desses privilégios, que podemos perceber pela frase no qual fala "olha aquele clube que da hora, olha o pretinho vendo tudo do lado de fora"

Expõe o que acontece no cotidiano das crianças, que queriam sim se divertir e não ter responsabilidades adultas, mas que tem essa juventude roubada pelas circunstâncias da vida, que trazem a falta de oportunidades e violência recorrente em seu meio, quando fala que o "Papai Noel escondeu um brinquedo" tal brinquedo era uma arma de fogo que pode mudar completamente a vida de uma criança; ou quando fala que a criança "não se lembra do dinheiro que tem que levar, pro seu pai bem louco gritando dentro do bar" a violência está cercado essas crianças cerceando assim sua inocência e seus sonhos com a paz e a diversão que parecem tão longe, através do muro.

Segue dando um panorama de como é a vida na zona sul, que apesar de viverem em casas amontoadas e ruas de terra continuam vivendo com dignidade e buscam por diversão como podem, no caso da música relatam uma relação com o samba, muito presente nas comunidades. Na música em questão temos a participação de Netinho de Paula do grupo negritude Junior, que tem algumas falas durante a música. Trazem também a questão do calor humano e da euforia nas feiras livres.

Mas como nem tudo são flores já volta a nos relatar a dualidade que é estar nesse meio no qual não se pode confiar nem mesmo na polícia, um órgão público que estaria ali para nos defender, quando fala "polícia a morte, polícia socorro", uma questão muito recorrente com a população negra é a violência policial que é muito noticiada, porém não vemos mudança, desde as músicas como também na vida do grupo, como ocorreu com o grupo que foi detido em um de seus shows por se sentirem ofendidos com uma das letras do grupo, como levantaremos o ocorrido na próxima música analisada

Prossegue falando como é precária a questão da qualidade de vida nesses locais, que o investimento no lazer é muito pouco com relação a poliesportivos e centros comunitários que poderiam ser uma fuga da realidade para os jovens, para que não se perdessem no mundo das drogas ou do crime, sendo assim, não tendo esse escape o que sobra são as drogas, lícitas ou ilícitas que podem ser encontradas "a cada esquina, 100 200 metros".

Dessa forma vai chegando ao fim da música dando um recado para os jovens, lembrando que é isso que o sistema quer para eles, que o status quo não mude e se mantenham em seu local, matando e morrendo, sem que mudem a ordem do que já acontece. Encerra dizendo "vamos investir em nós mesmos, mantendo distância do álcool e das drogas" e cita nome de todas as comunidades/ bairros da região da zona sul.

Vale citar que a música se chama fim de semana no parque, que no início da música fala dos parques e clubes que os ricos vão em seus finais de semana e termina citando os nomes dos bairros que muitas vezes trazem como primeiro nome, parque, como por exemplo parque Ipê e parque Araríba, citados no fim da música. Assim mostrando como alguns tem direito a lazer e diversão, e outros apenas a existir.

2.2 - Sobrevivendo no Inferno – 1997

Imagem 2 – Capa do álbum sobrevivendo ao inferno



Fonte: Racionais MC's, 1997

Quarto disco do grupo, sobrevivendo no Inferno é o disco que colocam os Racionais em projeção nacional, o mesmo vendeu mais de 1,5 milhão de cópias, saindo assim do circuito São Paulo, e alcançando todo o Brasil. Primeiro disco que foi lançado pelo selo do grupo, Cosa Nostra, importante salientar que é um feito histórico se pensarmos nessa quantidade de vendas sem auxílio de propaganda nas grandes mídias se tratando de um gênero relativamente novo no território nacional.

Apenas olhando para seu encarte conseguimos ver o peso que o disco carrega, todo preto, com letras góticas em vermelho sangue e uma cruz no meio, todas as fotografias estão em preto e branco, é um disco de protesto, que vem para colocar o dedo na ferida da sociedade, mostrar como estavam sobrevivendo nas periferias da cidade. É um disco que traz em seu corpo números, estatísticas, para levantar suas questões. E também um disco que foi criado para ser uma bíblia da periferia, em um formato de culto, trazendo cânticos religiosos, e a salvação, assim como a música foi salvação para os integrantes do grupo ele tem esse propósito de salvar todos com o Rap.

2.2.1 - Capítulo 4 versículo 3

Foi o disco que colocou o Racionais em evidencia nacional o disco com clássicos como diário de um detento, formula magica da paz e capítulo 4 versículo 3 que é a música que será analisada nessa sessão. Com esse disco os racionais ganharam o prêmio de clipe do ano com a música Diário de um detento no VMB MTV (Video Music Brasil) do ano de 1998, e fez com que o grupo se apresentasse na premiação cantando a música capítulo 4 versículo 3.

Sua capa já traz o tom que deseja seguir, se tratando de um disco de fé, a relação que o grupo tem com a religiosidade, traz como contracapa os integrantes em frente uma igreja, e na capa um salmo da bíblia, além de é claro a cruz que está ao centro, a mesma que se trata tem como origem em uma tatuagem de um dos integrantes do grupo hoje em dia simboliza um clássico da música brasileira.

Importante lembrar que o disco se tornou parte da literatura brasileira ao ser incluída como leitura obrigatória do vestibular da Unicamp, simbólico fato que coloca o texto como cânone na história brasileira. Se tornou livro em 2018 na categoria poesia, e traz as músicas do disco integralmente além de imagens clássicas do grupo e também um texto de introdução escrito por Acauam Silverio de Oliveira, professor de literatura brasileira na Universidade de Pernambuco.

A música analisada nessa seção é Capítulo 4 Versículo 3, que ao olharmos de relance pode ser confundido qual alguma passagem bíblica, porem se trata da terceira música do quarto álbum do grupo. Tomam assim a forma de um texto bíblico, profético, conta com 8,06 minutos nesta musica encontramos logo em seu início uma serie de dados a respeito da vida do jovem na periferia de São Paulo:

60% Dos jovens de periferia sem antecedentes criminais já sofreram violência policial/ A cada quatro pessoas mortas pela polícia três são negras/ Nas universidades brasileiras, apenas 2% dos alunos são negros/ a cada quatro horas um jovem negro morre violentamente em São Paulo/ Aqui quem fala é primo preto mais um sobrevivente.

Nesses dados apresentados conseguimos entender com quem os Rappers estão falando, pois as estatísticas são direcionadas ao povo negro e de periferia, tais dados nos mostram também outra grande crítica que está bastante presente nos Raps desse período, a violência policial quase sempre direcionada ao jovem negro.

Em uma reportagem da BBC que comemorava os 21 anos do disco sobrevivendo no inferno Leandro Machado e Luiza Franco com colaboração de Thaiane Rezende mestre em ciência política, traz uma série de comparações dos dados apresentados no início dessa música, e acaba tendo um mesmo resultado de 21 anos atrás, o único dado que muda drasticamente foi a entrada dos jovens negros nas universidades por conta do aumento do número de universidades federais nos governos do partido dos trabalhadores e também por conta da lei de cotas que iniciou uma longa reparação necessário a essa população que foi tão marginalizada durante os anos. Para Rezende essa permanência de dados tem um motivo claro:

O que quero dizer é que vivemos ainda sob os efeitos da construção escravocrata que dominou a maior parte da história do país. Temos evidências qualitativas e quantitativas para afirmar que o racismo é estrutural na sociedade brasileira. Vivemos em um país onde a população negra tem as piores estatísticas em termos de vários indicadores sociais e econômicos

Por estarmos inseridos nessa questão de um racismo estrutural a resposta a isso não é tão simples como a política de cotas, dessa maneira os dados de violência continuam sendo os mesmos de 21 anos atrás.

A canção traz em seu texto várias alusões ao mundo religioso, como fronteira do céu com o inferno; padre sanguinário; um bandido do céu; e em vários momentos se ouve ao fundo Aleluia, assim como se a música estivesse se passando em um culto religioso.

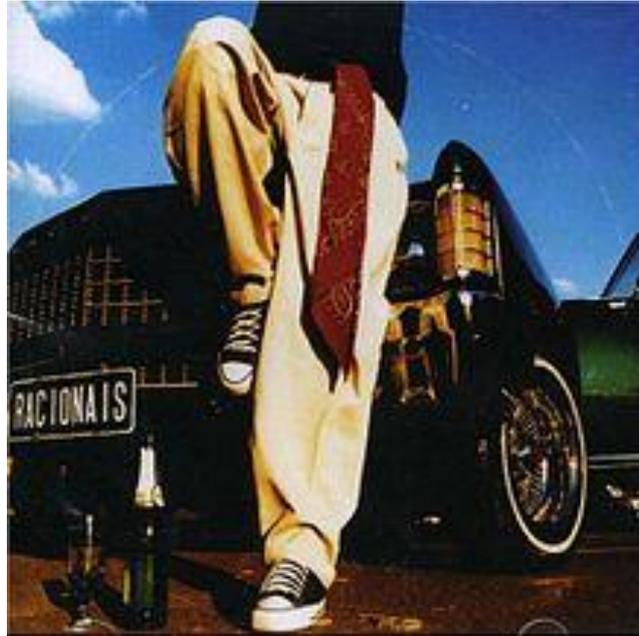
Como falamos de um disco de protesto ele vem para evidenciar o que os compositores viam em seu meio e em seu tempo, como forma de denunciar as mazelas que sua população vivia, conta por exemplo de como um preto tipo A, aquele que era respeitado em seu meio, que era uma pessoa boa, pode se transformar em um neguinho, por se envolver com um mundo que não é o seu, no caso da música os “branquinhos do shopping” “ih mano outra vida outros piques só minha de elite balada vários drinks puta de boutique toda aquela porra sexo sem limite Sodoma e Gomorra”. Mais à frente na música traz a questão do diabo, que pode ser lida como o sistema que:

Irmão, o demônio fode tudo ao seu redor / Pelo rádio, jornal, revista e outdoor /
Te oferece dinheiro, conversa com calma /Contamina seu caráter rouba sua
alma/Depois te joga na merda, sozinho /Transforma um preto tipo A num
neguinho.

Em entrevista ao podcast podpah, Mano Bronw levanta a questão de tratar o rap de forma religiosa assim como é visto nesse disco, diz que por ter sido salvo pelo rap ela o pregava assim como uma religião, “se o rap me salvou ele também pode salvar você”.

2.3 - Nada como um dia após o outro dia – 2002

Imagem 3—capa do álbum nada como um dia após o outro dia



Fonte: Racionais MC's, 2002

2.3.1 - Da ponte pra cá

Mudança de Nada como um dia é que ele aproxima se do ouvinte, não se trata mais de números, estatísticas, nele temos nomes de pessoas bairros, o que leva a uma aproximação com o público, humaniza as letras com a representatividade que traz. A música da ponte pra cá está inserida no CD Nada como um dia após o outro dia (2002), e por se tratar de uma crônica do cotidiano a música trata de bairros e de uma ponte presente na cidade de São Paulo local de origem de todos os integrantes do grupo, dessa forma já em sua primeira frase traz o Capão Redondo, bairro que está diretamente ligado a criação do grupo, e local onde até hoje está localizada a produtora do Grupo, a Boogie Naípe.

Além de falar de seu local de origem a música também nos mostra a contradição entre as áreas ricas e as áreas pobres da cidade de São Paulo, e além de trabalhar a dicotomia entre centro e periferia trata também dos podres (manos/brothers) e ricos (playboys), em passagem icônica “playboy bom é chinês e australiano / fala feio e me chama de mano” demonstrando uma certa aversão aqueles que tentam playboys que tentam se enturmar com o grupo, suas vivencias pessoais os distanciam de forma a gerar um desconforto

Um triplex para a coroa é o que malandro quer / Não só desfilas de Nike no pé /
Ô, vem com a minha cara e o din-din do seu pai / Mas no rolê com nós cê não vai
/ Nós aqui, vocês lá, cada um no seu lugar

Como já dito acima o movimento hip hop não se baseia apenas na música, mas em vários pilares e um deles com certeza é a vestimenta, pois ela em si traz um pertencimento ao movimento sem o uso de palavras. No trecho acima podemos perceber as aspirações dos artistas para com a vida, não apenas andar com roupas de marca (que é uma das grandes marcas do movimento hip hop, na questão de estilo de vestimenta, que é o moletom/jaco, o boné/ bombeta, o tênis de marca e a corrente no pescoço), mas sim dar um futuro digno para sua família, como descrito na música, um triplex pra sua coroa (mãe). Logo em seguida após falar sobre tais vontades para o futuro melhor, já demarca a divisão entre o que ele vive e o playboy que anda com o dinheiro do pai, porém não anda nos mesmos espaços que o autor.

Durante a música podemos observar alguns traços do dialeto da periferia, alguns exemplos são role que significa festas, ou locais de encontro de amigos; zica, que é uma representação de azar; marijane que é uma das gírias para se denominar Cannabis conhecida popularmente como maconha; quebrada, que é um nome dado a parte da periferia em que se mora; entre outras. Essas expressões linguísticas formam um espaço de sociabilidade próprio aos moradores da periferia que reconhecem esses símbolos e se identificam com eles.

2.3.2 - Negro Drama

A composição trata em seu início de apresentar os sujeitos que estão a cantando, sendo ele o negro drama, que transita entre os estereótipos criados para as populações negras periféricas. E como as possibilidades de mudança são muito escassas, por já se viver em um ambiente de guerra não consegue pensar para além disso. “Pra quem vive na guerra/ A paz nunca existiu/ Num clima quente/ A minha gente soa frio/ vi um pretinho/ seu caderno era um fuzil.”

A letra traz também uma apropriação da classe média das músicas de rap, quando fala que os jovens do centro estão colando postes do Tupac e querendo ser negros (que ironia). Porém nesse momento não há uma divulgação tão recorrente nas mídias de massa, como rádio e televisão, a não ser em programas especializados, como *Manos e Minas* que é vinculado a TV cultura desde 1993, e programas de rádio especializado no campo da música Black.

Negro drama é considerado outro clássico do CD “Nada como um dia após o outro dia” do ano de 2002 considerado por Brown como um divisor de águas, pois foi o disco mais difundido em outros espaços que não a favela. Tem como temática central a vida dos negros, suas mazelas, medos, desafios e mudanças e mais ao fim da música traz um relato da vida de Brown.

A música traz repetidas vezes a frase negro drama para iniciar as estrofes para deixar claro a quem é direcionado, e sobre qual drama está falando, logo no início da composição: “desde o início / por ouro ou por prata / olha quem morre / veja você quem mata / recebe o mérito, a farda / que pratica o mal / me ver pobre, preso, morto / já é cultural” esse trecho traz um panorama que faz alusão ao passado escravocrata brasileiro que utilizou mão de obra negra escrava para a exploração, da terra e das minas, pelas mãos dos brancos (veja você quem mata). Ao falar da farda temos uma relação com a violência policial (assunto muito recorrente nas músicas do grupo) e ao fim traz um fato que já foi trabalhado nesse texto que é o racismo estrutural, que naturaliza os espaços de marginalidade da população negra criando estereótipos como a pobreza, o crime e até mesmo a morte, mais à frente na música podemos encontrar mais estereótipos estar envolvido na música ou nos esportes com enfoque no futebol.

Outro ponto também trabalhado é como a sociedade temia o discurso dos rappers nos anos 90 com sua “arte do blefe”³¹ em negro drama há uma pequena passagem que faz alusão a isso, “antes era a carne e hoje sou a própria navalha” que pode ser interpretada como, antes sendo os negros mutilados pelo sistema e hoje serem eles que ameaçam o status quo.

A música traz vários temas importantes para a sociedade brasileira, como o abandono parental, que está presente em vários trechos da composição quando Brown está contando sua história, foi criado apenas pela mãe “solitária na floresta de concreto e aço”, “mãe solteira de um promissor vagabundo” e “bastardo mais um filho pardo sem pai”.

problema com escola / eu tenho sim, mil fitas / inacreditável, mas seu filho me imita / no meio de vocês ele é o mais esperto / gíngua e fala gíria / gíria não dialeto / esse não é mais seu / ó subiu / entrei pelo seu rádio / tomei cê nem viu / nois é isso ou aquilo / o que ? / cê não dizia? / seu filho quer ser preto / Rááá / que ironia / cola um pôster do 2pac aí / que tal ? / que cê diz? / sente o negro drama / vai tenta ser feliz

Na passagem extraída da letra acima podemos ver que já em 2002 havia uma apropriação acontecendo, onde os filhos das classes médias e dominantes tiveram contato com o Rap e o Hip Hop, este movimento não estava mais restrito as periferias. Houve uma

grande mudança após o grupo ganhar o prêmio de revelação do ano de 1998 no VMB³²as músicas do grupo passaram a serem distribuídas no canal MTV e suas canções encontraram as rádios fazendo com que o grupo saísse de seu espaço de origem e passasse a ocupar novos espaços. No fim da música deixa claro que aquele é seu lugar, seu espaço, afirmando “ Eu não li, eu não assisti / eu vivo negro drama, eu sou nego drama / eu sou fruto negro drama / dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha” termina a música com a grasse vagabundo nato que podemos conectar com o Thug Life de Tupac.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O rap sofreu várias mudanças através dos anos, praticamente todas elas podem ser explicadas se olharmos o contexto histórico e os movimentos que estavam acontecendo no Brasil e no mundo, hoje em dia isso não é diferente observamos que a música ganha novas roupagens porque a classe empobrecida nos anos 90 ganhou certo poder aquisitivo após um longo período de um governo de esquerda que procurava atender demandas sociais, dessa forma não tendo que lutar por sua sobrevivência e sim conseguindo começar a viver chegando ao ponto de poder até mesmo ostentar como podemos observar nas músicas de Hungria. Com essa mudança de temáticas a música se torna mais palatável a indústria cultural do mainstream que vê ali uma oportunidade de mercado (ao observar como os artistas com selos independentes vendiam sem a necessidade de grandes gravadoras) dessa maneira começa a utilizar tais músicas para fins comerciais.

Percebemos que o crossover aconteceu, mas não de forma tradicional, onde os brancos se apropriam do movimento para o torna-lo vendável, é um movimento interno onde os próprios rappers se dão conta que sua música, se transformada em outra batida e/ou temática podem ser a fonte de sua ascensão social. Como elucidada Teperman a seguir

Entretanto, sugiro que a vertente hegemônica do rap, representada ainda pelo Racionais, vem aproximando-se de um discurso que pode ser caracterizado, nos termos de Antonio Candido, de radical. Segundo o autor, "o radical é sobretudo um revoltado, e embora seu pensamento possa avançar até posições realmente transformadoras, pode também recuar para posições conservadoras" (2004, p. 194). O rap segue sendo um gênero vigoroso, com enorme potencial contestador e transformador. Muitos MCs declaram sua preocupação em fazer com que o rap ocupe mais espaço no campo da produção cultural do Brasil. O esforço é legítimo e vem sendo vitorioso, mas é preciso considerá-lo no contexto da realocação do rap no grande caldeirão - às vezes morno, outras em ebulição - da cultura brasileira.

As composições vieram para nos mostrar algo que não era dito, ou que queria ser escondido para que o mito do país miscigenado e alegre pudessem continuar, e hoje o estilo musical está em nossas vidas em propagandas, podcasts, entrevistas, trabalhos acadêmicos, e leituras obrigatórias de vestibulares, conquistaram assim seu espaço entre o cânone historiográfico brasileiro.

REFERÊNCIAS

ASSUMPÇÃO, Raiane. *Et al.* A violência de estado e a busca ao acesso à justiça. Sur: Revista internacional de direitos humanos. V.15 n. 27. P. 135-152. São Paulo. 2018.

GILLIAN, Angela. *A ideologia do Crossover e sua relação com o gênero*. In: Cadernos Pagu, Campinas, 1996, p.227-240.

HERSCHMANN, M. (2005). O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro, RJ: UFRJ.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 5ª Ed., 9ª reimpressão 2006

ROSE, Tricia. Um estilo que ninguém segura: política, estilo e a cidade pós industrial no *hip hop*. In: HERSCHMANN, Micael (org.) *Abalando os anos 90: funk e hip hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.

SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha russa*. São Paulo: Cia das Letras, 2001

SILVA, José Gomes da. *Rap na Cidade de São Paulo: Juventude negra, música e segregação urbana (1984-1988)*. Uberlândia. EDUFU, 2015.

TEPERMAN, Ricardo. *Se liga no som. As transformações do rap no Brasil*. São Paulo, Claro Enigma, 2015.

VIANNA, Hermano. *O Mundo do Funk Carioca*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.

MATERIAS DE JORNAIS:

CORDEIRO, Felipe. Unicamp coloca álbum dos Racionais na lista de obras obrigatórias. O Estado de S. Paulo. São Paulo. 23 de maio de 2018.

DÁVILA, Sergio. Raivosos, radicais, RACIONAIS MCs. Folha de São Paulo. São Paulo. 17 de abril de 1994. Revista da folha.

FORASTIERI, André. Esse papo de “gangsta rap” não só é burro como infantil. Folha de São Paulo. São Paulo. 2 de maio de 1994. Folha *teen*.

GODOY, Marcelo. Capão Redondo foi o bairro com mais homicídios de 96: Mesmo com queda de 3,9%, região de Santo Amaro é a campeã. Folha de São Paulo. São Paulo. 30 de janeiro de 1997. Cotidiano.

MACHADO, Leandro. FRANCO, Luiza. “Consciência Negra: O que mudou na vida dos negros 21 anos após o rapp dos Racionais Mcs”. BBC News Brasil. 21, nov, 2018. Acesso em: 10 dezembro 2018.

MOURA, Carolina. PM confunde guarda-chuva com fuzil e mata garçom no Rio, afirmam testemunhas. El País. Rio de Janeiro. 18 de setembro de 2018. Ponte Jornalismo.

PLASSE, Marcelo. Rappers são acusados de discriminação. Folha de São Paulo. São Paulo. 7 de maio de 1994. Ilustrada.

POLICIA prende grupos de Rap durante show. Folha de São Paulo. São Paulo. 28 de novembro de 1994. Brasil. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/brasil/23.html>

REZENDE, Marcelo. RACIONAIS MCS. Folha de São Paulo. São Paulo. 23 de dezembro de 1997. Ilustrada.

ENTREVISTAS

BROWN, Mano. Mano Brown, um sobrevivente do inferno. [Entrevista concedida a] Guilherme Henrique, Henrique Santana e Nadine Nascimento. Le monde Diplomatique. São Paulo. 08 janeiro de 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=U_OsF4y4zuY Acesso em: 25/08/2021

EMICIDA. Emicida: livre emocional e selvagem. [Entrevista concedida a] Guilherme Henrique e João Miranda. Le monde Diplomatique. São Paulo. 15 de maio de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Wk2TE2Yvjlk>. Acesso em: 30/08/2021

HISTORIAS do Rap Nacional – Emicida. TV Gazeta. Youtube. 12 fev.2016. 26min16s. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9ZMB_PFBavc. Acesso em: 19/12/2021.

HISTORIAS do Rap Nacional/ Produtores de Rap e Racionais/ Episódio 4. TV Gazeta. Youtube. 20 fev.2016. 26min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hu40HEcQ2FQ>. Acesso em 19/12/2021

MANO BROWN - Podpah #351. Podpah. Youtube. 08 mar.2022. 2h53min58s. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=aahyLNH4PrE>. Acesso em: 10/03/2022

MANOS e minas/ Mano Brown e banda Boogie Naipe/ 07/04/2018. Manos e minas. Youtube. 07 abr. 2018. Disponível em : <https://www.youtube.com/watch?v=Ejp7BF7du1c>

MUSICAS

DEVASTOPROD. O céu é o limite. Part. Rincon, BK', Rael, Emicida, Djonga e Mano Brown. In: O céu é o limite. São Paulo. 2018. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zMBKjt_hQ14

FLASH, Grandamaster. FIVE, Furious. The Message. In: The message. Nova Iorque. Sugar Hill. 1992. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PobrSpMwKk4>

RACIONAIS MCs. Capítulo 4 Versículo 3. In: Sobrevivendo no Inferno. São Paulo. Cosa Nostra. 1997. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=2LQSFLTiwS8>>

RACIONAIS MCs. Da Ponte pra cá. In: Nada como um dia após o outro dia. São Paulo. Cosa Nostra. 2002. Disponível em : <<https://www.youtube.com/watch?v=CDkUyy7IRTw>>

RACIONAIS MCs. Fim de semana no parque. In: Raio X do Brasil. São Paulo. Zimbabwe Records. 1993. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=37uL-WfTBx0>>

RACIONAIS MCs. Negro Drama. In: Nada como um dia após o outro dia. São Paulo. Cosa Nostra. 2002. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1DybpDjuxBY>>